

# América Latina: a pandemia como reveladora\*

Pierre Salama\*\*

## Resumo:

A pandemia da Covid-19 afetou o conjunto do planeta, em graus e segundo temporalidades que variam conforme as regiões. A propagação desse vírus, às vezes chamado de "coronacapitalismo", é reveladora do funcionamento do capitalismo neoliberal global. O autor examina o cenário atual na América Latina e destaca o quanto as classes populares do subcontinente estão agora submetidas a um "duplo castigo": a da crise sanitária num contexto de sistemas de saúde degradados e a de uma crise econômica que amplia as desigualdades sociais, o mau-desenvolvimento e o trabalho precário. E, frente a Bolsonaros e consortes, o autor defende que este momento de incerteza e de tensão seja primeiramente o da solidariedade. Após o fracasso dos governos progressistas, são urgentes novas reflexões sobre a construção de alternativas para que a América Latina saia da dependência e do extrativismo, com vistas a "uma renovação completa da maneira de conceber a economia e a política".

**Palavras-chave:** América Latina; Pandemia; Crise; Estado; Pobreza.

## Latin America: The Pandemic's Revelations

## Abstract:

The Covid-19 pandemic has affected the entire planet, with a gravity and timing that vary from region to region. The propagation of that virus, sometimes referred to as "corona capitalism," reveals the functioning of neoliberal global capitalism. The author examines the current situation in Latin America and highlights the extent to which the popular classes of the subcontinent are now subject to a "double punishment": the health crisis in a context of degraded health systems and the economic crisis that amplifies social inequalities, perverse development and precarious labor. And, in the face of Bolsonaros and their consorts, the author argues that this moment of uncertainty and tension should be principally one of solidarity. Following the failure of progressive governments, it is necessary to engage in new reflections on the construction of alternatives for Latin America to leave behind dependency and extractivism, with a view toward "a complete renewal of the way of conceiving of economics and politics."

**Keywords:** Latin America; pandemic; crisis; state; poverty.

---

\* Publicado originalmente na *Revue Contretemps*, em 17 de abril de 2020 sob o título "Amérique latine: la pandémie comme révélateur". *Lutas Sociais* agradece ao autor por autorizar publicá-lo. Tradução de Jair Pinheiro. Revisão de Lúcio Flávio de Almeida.

\*\* Doutor em Economia. Professor da Universidade de Paris-13, Paris, França. End. eletrônico: pierre.salama@univ-paris13.fr  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3861-1961>

## Introdução

*“Um mal que espalha o terror,  
Mal que o Céu em sua fúria Inventou para punir os crimes da terra...  
nem todos morreram, mas todos foram golpeados...”*

Jean de la Fontaine: Os animais acometidos pela peste.

A covid-19 provoca uma crise de amplitude desigual no mundo: em toda parte a produção caiu, o desemprego aumentou, a renda baixou. Após atingir os países do extremo Oriente, depois a Europa e, mais tardiamente, os Estados Unidos, ela chega à América Latina e África.

Os governos, nem todos, intervêm fortemente, atropelam os princípios sagrados aos quais se ligavam antes. Assim é o caso do déficit público, da responsabilidade pelo desemprego parcial pelos Estados, das nacionalizações possíveis em setores considerados estratégicos... amanhã, provavelmente, esses governos que ainda ontem eram adeptos de uma intervenção cada vez menos importante do Estado na economia e de um alinhamento dos serviços público às regras de mercado, aceitarão revogar essas regras e pensarão em redefinir as fronteiras entre mercado e Estado a fim de reconquistar um mínimo de soberania sanitária, até mesmo em escala mais ampla, industrial, se formos capazes de chamá-los a seus compromissos. O discurso intervencionista não predomina na América Latina, principalmente no México onde o discurso oficial consiste em privilegiar os gastos sociais, mas sem liberar os meios, assim como no Brasil, onde as decisões dos ministros da saúde frequentemente são frustradas pelos presidentes da república.

Estamos confrontados com uma crise manifesta da globalização. A pandemia é uma reveladora das disfunções de um capitalismo desenfreado em que os Estados cedem cada vez mais espaço ao mercado, às empresas multinacionais, mas uma vez que o contágio adquire importância, retorna os Estados/nações.

### **A globalização não será mais o que foi**

Os termos “ganhadores” e “perdedores” são utilizados frequentemente na literatura econômica. Os países que “ganham” seriam os que conhecem um aumento de sua participação no comércio mundial e inversamente. Alguns países, sobretudo, asiáticos, aumentaram sua participação relativa no PIB mundial entre 1980 e 2018. Inversamente, os países da América Latina viram sua participação diminuir vários pontos. Se nos limitarmos ao comércio internacional de produtos manufaturados, em 2017, só o México (10º) está presente entre os dez primeiros exportadores mundiais, ficando o Brasil em 30º lugar segundo a OMC.

É simplista considerar que países podem ser ganhadores e outros perdedores. Limitar os países a nações não é pertinente em si. A globalização acompanha fragmentações territoriais no interior dos Estados/nações. Com efeito, ela produz consequências negativas, inclusive nas nações aparentemente ganhadoras e, por ricochete, sobre segmentos e classes sociais. As nações são compostas de territórios onde se concentram ganhos vindos da mundialização e de outros onde as perdas dominam. Nos territórios que ganham com a mundialização, a proporção dos que conhecem uma evolução favorável de seus salários é mais importante que nos territórios que perdem, onde se concentram então baixa e média qualificação, salários baixos, ameaça ao emprego e precarização acentuada.

Com a globalização comercial, a divisão internacional do trabalho mudou profundamente. Alguns países de Sul, na Ásia, se tornaram oficinas do mundo, outros, na América Latina, se especializaram novamente na exploração de seus recursos naturais, à exceção notável do México e dos países da América Central<sup>1</sup>. Eles se reprimarizaram. As exportações de produtos manufaturados se elevavam a 51% no Brasil em 2006 – 70% das importações –, sendo as demais exportações compostas de produtos agrícolas e matérias-primas (minério e combustível). Pouco mais de dez anos depois, em 2017, as exportações de manufaturados se elevaram a 36% – 74% das importações – (IEDI, n. 892, 2018). Portanto, a evolução foi rápida, tendo começado, de fato, no fim dos anos de 1990. Ao contrário, no nível mundial, as exportações se elevaram a 70% do total em 2017, às quais se deve acrescentar 12% correspondente à categoria “outros produtos manufaturados”, segundo a OMC. Enfim, 80% das exportações mundiais são realizadas por dez países, entre os quais se encontra o México no fim da fila.

No fim dos anos de 1990 e, sobretudo nos anos 2000, assistimos a uma desagregação da divisão internacional do trabalho na indústria mundial graças ao desenvolvimento da internet, à queda dos custos dos transportes e à capacidade de alguns países asiáticos de adaptar rapidamente sua oferta às mudanças bruscas da demanda mundial.

Assim, passamos de uma relação entre dois atores à outra entre um ator, o que dá a ordem e “n” atores situados em diferentes países, sobretudo no Sul,

---

<sup>1</sup> O México se especializou na exportação de produtos manufatura essencialmente destinados aos EUA e ao Canadá. Entretanto, diferentemente de vários países asiáticos, o México e os países da América Central se circunscreveram ao essencial das atividades de montagem, à exceção, em parte, de alguns setores como a indústria automobilística em que o número de fornecedores aumentou graças não a uma política industrial, mas à vinda de empresas transnacionais. A abertura crescente não teve os efeitos positivos sobre o crescimento no México, sendo frágeis os efeitos multiplicadores sobre o PIB, o que explica que entre os grandes países latino-americanos, ele foi o que teve crescimento mais débil nos últimos vinte e cinco anos. A complexificação de sua base industrial também é frágil ou, antes, enganosa.

mas também no Norte, o que se traduz em uma desagregação da cadeia internacional de valor.

O intercâmbio de bens industriais Sul-Sul se desenvolveu. Entretanto, em geral, os países latino-americanos pouco participaram do processo de desagregação da cadeia de valor. Permanecem relativamente fechados, à exceção, em certa medida, do México e de alguns países da América Central. Mas, no conjunto, os países latino-americanos puderam se abrir ao exterior sem que pesasse o constrangimento externo como no passado, graças aos ganhos obtidos pela exploração de matérias-primas para a China, principalmente, o que lhes permitiu importar manufaturados. Esta fase parece encerrada e os constrangimentos externos retornam com força nas economias que se tornaram menos industrializadas e mais vulneráveis à evolução dos volumes exportados e dos preços das matérias-primas (Destremau et al. 2019; Gaulard; Salama, 2020).

Enquanto os países da América Latina permanecem congelados num quadro caracterizado por uma densidade industrial frágil e uma parte igualmente frágil (valor agregado) no PIB, os países asiáticos progridem ao focar na industrialização fundada cada vez mais em produtos de alta tecnologia e exportação de produtos complexos.

Com a abertura crescente, o emprego e o trabalho estão submetidos a constrangimentos externos cada vez mais elevados. O emprego tende a tornar-se mais precário com a expansão da internet, a “uberização” das atividades se torna cada vez mais significativa, salvo se uma vontade política de proteger os assalariados se impuser. Esse foi o caso de vários países latino-americanos, graças à ascensão de governos progressistas nos anos 2000: a informalidade caiu, os salários reais aumentaram mais rápido que a produtividade do trabalho e a proteção social se desenvolveu, em detrimento da competitividade, é verdade, uma vez que as reformas estruturais não haviam sido realizadas, pois os governos progressistas pararam no meio do caminho. Hoje, com o retorno da direita, essas poucas conquistas são questionadas. Resta que a precariedade, o dismantelamento crescente e as desigualdades de renda aumentaram. Até quando essas evoluções são sustentáveis em termos políticos?

Desde 2008, a globalização enfraqueceu e nitidamente claramente o crescimento das exportações mundiais não ultrapassa o do PIB mundial. Às vezes, é inferior. Desde então, a globalização parece se desgastar. Medidas protecionistas se multiplicam desde 2002 e, com a ascensão de Trump à presidência dos Estados Unidos (2017), se tornaram mais importantes e tendentes a se generalizar.

A globalização parece ceder o passo à desglobalização, por duas razões. A primeira, de ordem tecnológica: é possível relocalizar a produção de algumas atividades nos países avançados graças à revolução digital, esta mesma revolu-

ção que ontem permitia deslocar mais facilmente. A segunda razão se deve aos efeitos deletérios da globalização sobre a coesão social: mais desigualdade de renda, empregos extintos e mobilidade reduzida se traduz em protecionismo cada vez mais acentuado.

A ironia da história é que a crise da globalização chegou onde nenhum economista, sociólogo ou político havia previsto. Nenhum. Mesmo no presente, alguns tentam fazer crer que previram. Certamente, as críticas à globalização eram numerosas e vieram da direita, frequentemente da extrema-direita, ou da esquerda. Alguns, ao exporem sua concepção de nação, preconizavam o retorno ao protecionismo que, às vezes, podia aparentar autossuficiência. Outros, antes de esquerda e egressos de grupos ecologistas, pleiteavam um altermundialismo, recusando fronteiras e procurando a cooperação entre Estados para impor normas éticas (como o trabalho decente) e ambientais mais rigorosas. Mas ninguém poderia pensar que as novas formas da globalização, a saber, a desagregação internacional da cadeia de valor e da produção pudesse fragilizar as diferentes economias a ponto de torná-las extremamente vulneráveis.

Esta globalização descontrolada, fruto da liberdade concedida à exploração da mão-de-obra barata e de destruir o ambiente, produziu o caos. Os teóricos do caos mostraram que o bater de asas de uma borboleta poderia acarretar um desmoronamento do outro lado da terra, que essa espada de Dâmocles poderia cair a qualquer momento e acarretar catástrofes... Esta tese, aplicada às finanças, jamais foi aplicada à globalização. Bastou uma pandemia para, com um esbarão, o sistema econômico se desmoronar por efeitos em cadeia, comendo-se uns aos outros. A incapacidade de abastecer segmentos de produtos de uma cadeia de valor internacional dispersa à mercê de baixos custos de mão-de-obra acarreta em outros lugares, isto é, em outros países, paralisações da produção mais ou menos importantes, aumento do desemprego e, de fato, uma queda da demanda, precipitando a depressão econômica. Este bater de asas da borboleta revela, sobretudo, que a desindustrialização, a simetria desta globalização, a perda considerável de soberania, especialmente e sobretudo na indústria farmacêutica, não se traduz apenas em custos financeiros, mas acima de tudo em acumulação de mortos.

### **Dupla punição aos pobres: a crise e a pandemia que reforça a crise**

Os países latino-americanos diferem uns dos outros. Alguns têm uma população significativa (o Brasil, com 207 milhões de habitantes, o México, com 132 milhões), ao contrário de outros, como o Uruguai ou os países da América Central, que são relativamente pouco populosos. O PIB per capita é elevado no Brasil, na Argentina, no México (entre um quarto e um terço do

dos EUA) etc., um pouco menos na Colômbia e no Peru, muito menos nos demais. Alguns países são ricos em recursos naturais, outros, muito menos. Enfim, as populações não têm as mesmas origens, mais europeia no cone sul da América Latina, mais indígena nos países andinos, na América Central e no México ou de origem africana como no Brasil e no Caribe. Suas histórias não são semelhantes mesmo se ao longo do século XX os mais importantes entre eles tiveram experiências próximas tanto no nível político (Perón na Argentina, Vargas no Brasil e Cárdenas no México) e no nível econômico (crescimento voltado ao mercado interno, chamado substituição de importação). Do ponto de vista estrutural, a maior parte dos países latino-americanos tem vários pontos em comum, que constituem as oito chagas da América Latina: 1) desigualdade de renda e de patrimônio muito significativas; 2) informalidade do emprego e consequente taxa de pobreza; 3) reprimarização da sua economia; 4) significativa deterioração do meio ambiente; 5) abertura financeira mais significativa que comercial; 6) desindustrialização precoce; 7) tendência à estagnação econômica e 8) nível de violência extremamente alto, sobretudo no México, no Brasil, em El Salvador, em Honduras e na Guatemala.

Quanto menor a taxa de crescimento do PIB, menor a mobilidade social e ainda mais se as despesas com educação permanecem insuficientes. Com uma cadeia industrial fragilizada, os países latino-americanos poderão provar resiliência à pandemia da covid-19 e de seus duros efeitos econômicos e sociais, em quais condições?

A crise tem várias dimensões. Ela não se instala num “corpo são”, pronto a se recuperar, passada a pandemia. Com efeito, 1) quase todos os países da região e, particularmente, os maiores e mais pujantes – Argentina, Brasil e México – sofrem de uma tendência à estagnação das suas taxas de crescimento<sup>2</sup>. Esta tendência à estagnação no longo prazo tem várias causas: desigualdade de renda e de patrimônio muito acentuada, baixa taxa de investimento devido a comportamento rentista cada vez mais pronunciado, que se manifesta por financeirização excessiva, fuga de capitais e consumo ostentatório, desindustrialização mais ou menos acentuada e despesas em desenvolvimento de pesquisa “reduzida às já desenvolvidas” (entre 0,5% e 1,1% do PIB segundo o país, tendo a França como referência, essas despesas se elevam a 2,4% do PIB e, na Coreia do Sul, a 4,5%). 2) Há alguns anos a Argentina e a Venezuela vivem uma crise econômica profunda associada a uma inflação mais ou menos incontrolável, sobretudo na Venezuela. O Brasil, após uma crise muito pronunciada, equivalente à dos anos de 1930, manifesta incapacidade de avançar. O México entrou em recessão,

---

<sup>2</sup> Um exemplo: a taxa de crescimento do PIB per capita do México foi de apenas 0,8% por ano, em média, entre 1983 e 2017, bem inferior à dos Estados Unidos no mesmo período.

os outros países vivem uma queda da atividade econômica (Colômbia etc.). 3) Por fim, o retorno dos constrangimentos externos com a queda da cotação das matérias-primas e dos volumes vendidos, o que está se acentuando com a generalização da crise devido à pandemia em nível mundial e à forte queda da demanda dos países asiáticos, grandes importadores de matérias-primas.

Os países da América Latina vivem várias crises ao mesmo tempo, que se alimentam umas às outras. A crise é profunda. Ela é estrutural na medida em que remete à questão dos próprios caminhos de expansão do capitalismo nas últimas décadas. Na América Latina, a crise ligada à pandemia se associa a outras crises latentes ou manifestas, que acabamos de citar. A combinação é tão explosiva que vários governos não parecem haver mensurado a amplitude do perigo, deixando de adotar políticas econômicas anticíclicas à altura dos acontecimentos, até mesmo minimizando os perigos (um amuleto poderia fazer as vezes de remédio à pandemia, disse o presidente do México; uma “gripezinha”, para o presidente do Brasil, defendendo, contra seus próprios ministros, que não sejam tomadas medidas que possam afetar a economia). As políticas de combate ao contágio estão, em geral, muito aquém das necessárias, que são de dois tipos: 1) as medidas “barreiras”, como lavar as mãos sistematicamente e o confinamento parcial (exceto pessoas que trabalham nos setores ligados à saúde, à alimentação e ao transporte); 2) políticas econômicas anticíclicas para frear o agravamento da crise e, em seguida, reativar a economia. As primeiras encontram dificuldades de aplicação nos bairros que reúnem os habitantes mais desfavorecidos. Nos casos extremos, as casas não têm água potável ou mesmo água corrente, sendo, portanto, difícil lavar as mãos regularmente; a densidade populacional é muito significativa, de modo que as medidas “barreiras” não são de fácil aplicação e, por fim, como a maior parte das pessoas desses bairros frequentemente tem empregos informais e são mal atendidas ou não atendidas pelo sistema sanitário, o confinamento se reduz a escolher entre Cila e Caríbdis<sup>5</sup>, ou morrer de fome respeitando o confinamento ou aumentar consideravelmente a possibilidade de ser contaminado e contaminar a vizinhança ao ir trabalhar. A isto se acrescenta a vontade de alguns presidentes – do Brasil, de maneira caricatural – mas também de seitas evangélicas, cuja influência é particularmente elevada entre os mais pobres e menos instruídos, de tudo fazer para se opor ao confinamento determinado pelos governadores estaduais (no caso de federação), ou de autoridades locais a pretexto de que esta pandemia é apenas uma gripezinha e que, se o confinamento fosse aplicado, acarretaria uma crise irreparável, produzindo

---

<sup>5</sup> Na mitologia grega, Cila era um era um monstro marinho que protegia as fronteiras tragando e regurgitando água e, assim, provocando redemoinho; e Caríbdis, uma ninfa transformada em monstro marinho que aterrorizava os mortais que antes a cortejavam. [N. T.]

um número de mortos maior que o produzido pela pandemia<sup>4</sup>. As políticas anticíclicas são, frequentemente, pouco significativas – salvo, provavelmente na Argentina em meio à crise econômica<sup>5</sup> – primeiro, considerando as dificuldades financeiras (menos receitas orçamentárias devido à crise latente pré-pandemia, à redução relativa do valor das exportações de matérias-primas, à fuga de capitais e à fraude fiscal), adiamentos de encargos sociais, mesmo de impostos devidos, senão sua eliminação<sup>6</sup>, e a falta de vontade de alguns de promover um aumento da dívida pública devido à expansão das despesas públicas sem receita correspondente. Esta é a posição ortodoxa – de outra época – do presidente mexicano que, embora desejasse aumentar as despesas sociais, não fornecia os meios, aceitando aumentar o déficit fiscal, que aumentaria de qualquer maneira devido ao agravamento da crise econômica. Em geral, a ajuda aos mais pobres é frágil (pouco mais de 100 dólares por mês no Brasil, por exemplo), aumento das despesas com saúde, o auxílio às empresas, igualmente frágeis (o ministro brasileiro da economia tentou editar um decreto autorizando a conservação dos trabalhadores por quatro meses sem salário e sem trabalho e, ante protestos políticos, voltou atrás na medida alegando um erro... administrativo). Mesmo essas medidas bem tímidas, às vezes se chocam com a ira dos presidentes, mais uma vez o caso do presidente brasileiro, que tentou despedir seu ministro da saúde por despesas indiscriminadas. Quase todos os países latino-americanos pagam um preço alto pelo fato de que as despesas com saúde são muito baixas como porcentagem do PIB. O conjunto das despesas com saúde pública-privada na América Latina representa 8,5% do PIB, com fortes disparidades entre os países e internamente a eles. Na Argentina, Brasil, Colômbia, Chile e no Uruguai são mais elevadas (entre 9% e 10%); no Equador, Bolívia, Venezuela e no México são mais baixas (entre 3% e 5,5%), segundo a OCDE. Para registro, as despesas com saúde pública e privada se elevam em média a 12,5%, com fortes disparidades em 2018: 16,9% do PIB nos EUA, 11,2% na Alemanha e na França, 8,9% no Chile e 5,5% no México. Frequentemente, os sistemas de saúde são muito fragmentados segundo as corporações (empregados do setor petrolífero, do Estado etc.), mas também segundo o Estado central e as unida-

---

<sup>4</sup> Este último argumento reaparece nos países avançados, mas após semanas de confinamento. Era igualmente alegado pelos que consideravam que a imunização em massa (60% da população) passaria pelo contágio, ignorando o considerável número de mortos que provocaria; é por isso, aliás, que foi abandonado na Grã-Bretanha, nos Países Baixos e, em parte, bem timidamente, por Trump nos Estados Unidos.

<sup>5</sup> O que explica a forte alta da popularidade do presidente Fernandez, eleito no fim de março (74% de apoio) e, inversamente, a queda de popularidade do presidente mexicano, López Obrador. Mas a deste permanece elevada (58%), superior à de Bolsonaro.

<sup>6</sup> Ver um artigo significativo publicado no *Financial Times* de 13 abr. 2020, intitulado “Four Mexico states call for new tax deal with López Obrador”.

des federadas, o que aumenta a ineficiência do sistema e permite à corrupção se desenvolver. Quando se compara o número de leitos (de cuidado intensivo) por 100.000 habitantes e o número de ventiladores, em 2020, observa-se que o Brasil – com as mais fortes disparidades regionais – coloca à disposição dos seus doentes um terço a menos de leitos e três quintos de ventiladores que os EUA. A Argentina é um pouco melhor dotada de leitos de cuidado intensivo, o México está atrás muito longe e o Peru está ainda mais longe (*The Economist*, 8 abr. 2020)<sup>7</sup>. Se se acrescenta que os 25% mais ricos, ou seja, os ricos e as classes médias altas e média, têm acesso ao sistema privado de saúde e que este possui aproximadamente a metade dos leitos de cuidado intensivo e de ventiladores, compreende-se que a situação sanitária da maior parte da população é particularmente vulnerável.

### Conclusão

A crise devido à pandemia é impulsionada pela globalização. Ela se enxerta num terreno econômico extremamente debilitado. É um indicador do conjunto das disfunções do capitalismo, particularmente na América Latina. As primeiras vítimas são os mais pobres.

A informalidade (70% na Bolívia, 63% no Peru e 47% no Brasil) e a pobreza permanecem muito altas na América Latina. Na Argentina, esta última atinge 50% dos que estão na informalidade. Nos últimos anos, a informalidade e a pobreza apresentaram tendência a aumentar novamente, em especial e sobretudo no Brasil e na Argentina. Como destacam vários sociólogos e médicos, os doentes pobres morrerão em casa ou mesmo, segundo o professor de medicina Miguel Srougi, da USP, “na porta do hospital” (*O Globo*, 23 mar. 2020).

Há uma relação entre pobreza e obesidade, devida à “má alimentação”. Os pobres no México, um pouco menos no Brasil, relativamente menos na Argentina, assim como nos países avançados (EUA e Grande Bretanha), geralmente são os mais obesos; as categorias vulneráveis com renda modesta também, mas em menor medida, as classes médias. Há uma relação significativa entre obesidade e diabete, hipertensão e riscos cardiovasculares. Portanto, a pandemia afeta particularmente os pobres e as categorias vulneráveis, tanto mais quanto o acesso deles a cuidados seja restrito.

---

<sup>7</sup> Os países que têm mais de 10 leitos por mil habitantes (não se trata aqui de leitos de cuidados intensivos, tiveram as taxas mais baixas de mortalidade provocada pela pandemia: Hong Kong com 14,5 leitos e Japão, 10). Está longe de ser o caso do Brasil, que possui 1,95 leitos por mil habitantes. Nos últimos dez anos o Brasil extinguiu de 40.000 a 50.000 leitos, por falta de recursos para manutenção (*O Globo*, 23 mar. 2020; ver também *Financial Times*, 13 abr. 2020).

Nos países avançados, são as populações idosas que correm o maior risco de sucumbir à pandemia, pois sofrem mais que os jovens de diabetes, de hipertensão etc. Na América Latina, são os pobres e os pobres relativamente jovens. No fim de março, um quarto dos pacientes hospitalizados no Rio de Janeiro, sofrendo desta pandemia, tinha menos de 40 anos.

É quase impossível fazer respeitar o confinamento nas favelas mais miseráveis por motivos evidentes: a superpopulação torna difícil o distanciamento social, as condições sanitárias desastrosas acarretam grandes dificuldades para lavar as mãos com frequência e, sobretudo, informalidade e pobreza conjugadas fazem com que o direito à aposentadoria seja uma abstração, que a escolha de fato seja entre trabalhar ou morrer de fome. Portanto, o conjunto dessas medidas é necessário, mas para ter um mínimo de eficácia, exige maior generosidade do Estado na distribuição de renda mais em conformidade com a pobreza, além de testar para isolar os contaminados de suas famílias e de seus círculos.

Quando os governos subestimam o perigo e não têm política de prevenção, como o distanciamento social (o confinamento), não garantem aos mais pobres uma renda mínima ou garantem de maneira insuficiente; quando os presidentes se opõem a seus ministros e defendem a manutenção do nível de atividade econômica, zombando dos que superestimariam a crise sanitária, enquanto a verdadeira catástrofe seria a crise econômica; quando seitas religiosas cada vez mais influentes dizem que pela prece coletiva se poderá afastar o satanás, cavalo de Tróia da pandemia... então só se pode ser pessimista. É o que se designa como crime dos que se recusam a enfrentar a pandemia e preconizam a retomada do trabalho, qualquer que seja custo humano, mesmo antes que a pandemia abrande, a porcentagem de imunizados atinja um mínimo. Mas é também um momento que, por sua importância, suas consequências desastrosas sobre algumas categorias da população, pela exploração política que dela que podem fazer partidos e igrejas, por sectarismo ou populismo, pode abrir caminho para governos de extrema-direita. Mas, inversamente, também é uma oportunidade a aproveitar para construir uma sociedade que funcione de outro modo que não a busca exclusiva do lucro.

É uma crise que conclama a uma renovação completa da maneira de pensar o econômico e o político. Hoje, o primado é da solidariedade, o que, infelizmente, não é o bastante no caso da América Latina, dos Estados Unidos e de alguns outros países. Amanhã, quando as condições sanitárias estiverem adequadas, será o momento de retomar o trabalho, esperando que a solidariedade se mantenha, que o modelo econômico não seja uma retomada do antigo, senão a história se repetirá como tragédia...

## Referências

- BÁRCENA, A. Coyuntura, escenarios y proyecciones hasta 2030 ante la presente crisis de covid -19. Cepal,/ 2020. Disponível em: <[https://www.cepal.org/sites/default/files/presentation/files/coyuntura\\_escenarios\\_2030\\_crisis\\_covid-19\\_ab.pdf](https://www.cepal.org/sites/default/files/presentation/files/coyuntura_escenarios_2030_crisis_covid-19_ab.pdf)>. Acesso em 12 abr. 2020.
- DESTREMAU, Blandine. La rançon du succès? Cuba face au vieillissement de sa population. *Recherches Internationales*, Paris, n. 115, 2019.
- GAUDICHAUD, Franck. Amérique latine: les gouvernements “progressistes” dans leur labyrinthe. *Recherches Internationales*, Paris, n. 115, 2019.
- \_\_\_\_\_ ; MODONESI, Massimo; WEBER JR, Jeffrey. *Fin de partie, Amérique latine, les expériences progressistes dans l’impasse* (1998-2019). Paris: Ed. Syllepse, 2020.
- GAULARD, Mylène. Le Brésil de Bolsonaro, une alliance improbable entre libéralisme et conservatisme? *Recherches Internationales*, Paris, n. 115, 2019.
- \_\_\_\_\_ ; SALAMA, Pierre. *L’économie de l’Amérique Latine*. Paris : Breal, 2020.
- SALAMA, Pierre. Argentine: avancer sans reculer... *Recherches Internationales*, Paris, n. 115, 2019.